

CONSIDERAÇÕES SOBRE A SEMIÓTICA DAS CULTURAS, UMA CIÊNCIA DA INTERPRETAÇÃO: INSERÇÃO CULTURAL, TRANSCODIFICAÇÕES TRANSCULTURAIS

CIDMAR TEODORO PAIS
Universidade de São Paulo - SP
Universidade de Braz Cubas - SP

RESUMO: Este trabalho propôs-se a estudar os processos de integração das pessoas numa comunidade sociocultural, que se dão, em diferentes graus, a partir do seu nascimento, ou seja, a sua paulatina inserção, como membros de uma sociedade, na medida em que são dotados de certo conhecimento e de certa competência culturais. Noutros termos, trata-se do desenvolvimento de um saber e de um saber-fazer culturais. Considerou-se, para tanto, a semiótica das culturas como uma ciência da interpretação, de acordo com as tendências mais recentes dos estudos semióticos. Tratamento multidisciplinar, envolve e articula a semântica cognitiva, as ciências da linguagem e da significação, a antropologia cultural, a sociologia e a história. Com efeito, em cada cultura, tem-se complexo conjunto de processos semióticos (sistemas x discursos) verbais, não-verbais e sincréticos, constitutivos da macrossemiótica dessa cultura, que a caracterizam, que dão sustentação a um mundo semioticamente construído, a sistemas de valores, sistemas de crenças e de saberes compartilhados pelos seus membros. Examinam-se, pois, cognições, reconceptualizações, significações, recortes culturais, axiologias, próprios de uma cultura, que habilitam ao convívio e conferem a consciência e o sentimento de pertinência ao grupo, de sua permanência e continuidade no eixo do tempo. A formação, a educação (formal e informal) constituem fatores relevantes na (re)construção e manutenção do processo histórico dos indivíduos e do grupo. Configura-se, assim, uma trajetória de progressiva integração, como atividade incessante, no sistema e nas práticas culturais, que conduz à constituição de uma identidade cultural e assegura, simultaneamente, a tolerância e o respeito à diversidade cultural. Consideram-se, enfim, certos aspectos das transcódificações transculturais.

PALAVRAS-CHAVE: Cultura. Inserção. Interpretação. Pluridisciplinaridade. Semiótica.

RÉSUMÉ: Ce travail se propose d'examiner certains processus de l'intégration des gens dans une communauté socioculturelle. Ces processus se réalisent à des différents degrés, à partir de leur naissance. C'est-à-dire, leur insertion progressive, en tant que membres d'une société, dans la mesure où une certaine connaissance et une certaine compétence culturelle sont acquises. En d'autres termes, il s'agit du développement d'un savoir et d'un savoir-faire culturels. Pour ce faire, on a considéré la sémiotique des cultures comme une science de l'interprétation, suivant des nouvelles tendances des études sémiotiques. On a affaire à un traitement multidisciplinaire, qui articule la sémantique cognitive, les sciences du langage et de la signification, l'anthropologie culturelle, la sociologie et l'histoire. En chaque culture, en effet, on a un ensemble très complexe de processus sémiotiques (systèmes x discours) verbaux, non-verbaux et synchrétiques. Ceux-ci constituent alors la macrosémiotique d'une culture donnée. Ils la caractérisent en même temps qu'ils soutiennent un monde sémiotiquement construit, un système des valeurs, un système de croyances et des savoirs partagés. Il y a donc des cognitions, des reconceptualisations, des significations, des découpages culturels, des axiologies spécifiques d'une culture déterminée. Ces processus et ces systèmes assurent les conditions de conviviabilité et ils confèrent aux membres du groupe la conscience et le sentiment d'appartenance, de la permanence et de la continuité du groupe dans le temps. La formation, l'éducation (formelle et informelle) constituent alors des éléments importants de la (re)construction et de la manutention du processus historique des individus et du groupe. On envisage, ainsi, un parcours d'intégration progressive, en tant que activité incessante, dans le système et dans les pratiques culturelles. Celui-ci conduit à la constitution d'une identité culturelle et assure simultanément la tolérance face à la diversité culturelle. On considère, enfin, certains aspects des transcodifications transculturelles.

MOTS-CLÉ: Culture; Insertion; Interprétation; Pluridisciplinarité; Sémiotique

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa estudou, numa abordagem multidisciplinar, aspectos dos processos de cognição e das relações de significação, enquanto fenômenos conceptuais e metalingüísticos, conjunto de procedimentos determinantes de *intertextualidade*, *interdiscursividade*, *transcodificação*, face às articulações postuláveis entre semântica cognitiva, semântica de língua e de discurso, sociossemiótica, semiótica das culturas, semiótica da interpretação. São as linguagens que atribuem ao ser humano sua condição humana. A riqueza do homem é a sua diversidade lingüística, cultural, social e histórica. A língua e os seus discursos, juntamente com as semióticas não-verbais, conferem a uma comunidade humana: a sua memória social; a sua consciência histórica; a consciência de sua identidade cultural; a consciência de sua permanência no tempo. Assim, configura-se a semiótica das culturas como uma ciência da interpretação. Examinam-se, então, os processos de inserção cultural segundo os modelos dessa ciência. Considera-se, enfim, a necessidade e/ou conveniência de levar em conta diferentes aspectos da semiótica das culturas, na medida em que se tornam relevantes nas transcodificações transculturais.

COGNIÇÃO E SEMIOSE

O processo de produção do conhecimento, articulado ao da produção da significação, como função semiótica, ou, noutras palavras, as relações entre *episteme*, como projeção do homem sobre os 'objetos do mundo', na concepção aristotélica, como construção do 'saber sobre o mundo', e *semiose*, enquanto produção da significação, ou seja, das *designations* que manifestam os *designata*, recortes culturais, nas diferentes semióticas-objeto, verbais, não-verbais e sincréticas, podem ser mais satisfatoriamente explicados, quando examinados no quadro do percurso gerativo da enunciação. Nosso modelo de percurso gerativo da enunciação de codificação e de decodificação, compreende os patamares da *percepção*, da *conceptualização*, da *semiologização*, da *lexemização*, da *atualização*, da *semiose*, quanto ao *fazer persuasivo*, do sujeito enunciador; os do

reconhecimento da semiótica-objeto, da *ressemiotização*, da *ressemiologização* e da *reconceptualização*, quanto ao *fazer interpretativo*, do sujeito enunciatário; e as transformações que entre eles se realizam (Pais, 1993, 1997, 1998).

DA SEMIÓTICA DAS CULTURAS A UMA SEMIÓTICA DA INTERPRETAÇÃO

O homem distingue-se dos outros animais do planeta justamente por sua *diversidade* lingüística, cultural, social e histórica; essas características conferem ao homem sua *condição humana*. Com efeito, uma abordagem puramente biológica mostrar-se-ia claramente insuficiente. Nesse sentido, a história da humanidade corresponde ao processo histórico da cultura, ou antes, das culturas.

Estabelecem-se, pois, o interesse e a necessidade de uma *semiótica das culturas*, que permita estudar esses *processos* e essa *diversidade*. Poder-se-ia dizer, em caráter preliminar, que a semiótica das culturas tem por objeto as culturas humanas e sua diversidade.

Nessas condições, determinada cultura só pode ser caracterizada *por oposição* às demais, seja as que lhe são contemporâneas, seja as que se situam no passado. Uma comunidade lingüística e sociocultural pode, assim, ser definida por um complexo que compreende uma língua, práticas semióticas não-verbais e sincréticas (ou complexas), que constituem sua *macrosemiótica* (PAIS, 1982), práticas técnicas, por um 'saber compartilhado sobre o mundo', próprio a seus membros, inseridos no fazer social e no eixo da história. Assim, determinada cultura pode ser caracterizada por suas *especificidades*, perante a imensa *diversidade* das culturas humanas.

No esforço de caracterização de uma cultura, é necessário compará-la com outras culturas, de modo a detectar as suas especificidades, diante das características de outras culturas. Estabelece-se, por conseguinte, uma *tensão dialética* entre duas tendências contrárias, a *especificidade* e a *diversidade*. Tem-se, pois:

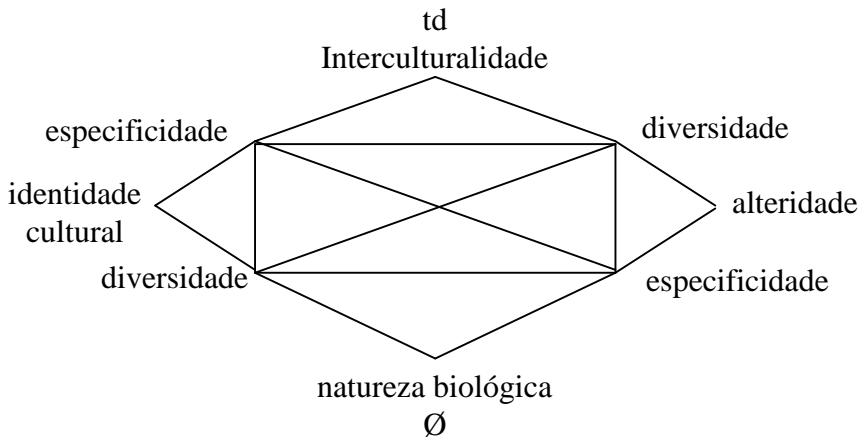


Figura 1: Identidade x alteridade

Tudo conduz a pensar que integra o ‘saber compartilhado sobre o mundo’ dos membros de uma comunidade humana, o conhecimento, ainda que intuitivo, dessa oposição entre *especificidade* e *diversidade*, entre *identidade* e *alteridade* (a ‘consciência’ ou o ‘sentimento’ da distinção entre “nós” e “os outros”).

É preciso concordar com Rastier, quando diz:

“La mesure de la diversité des cultures a suivi le même chemin de la perception des langues. De fait, avec la découverte de ces des dernières décennies, de ‘culture animale’, notamment chez les primates, on en vient à penser que l’innovation et sa transmission ne suffisent pas a définir la spécificité des cultures humaines; c’est la diversification et l’auto-réflexion des pratiques techniques et sémiotiques qui les distingue...” (RASTIER e BOUQUET, 2002, p.5)

De fato, é necessário considerar como características de uma cultura, definidora de *identidade x diversidade*, em relações às demais, e como parte integrante do ‘saber compartilhado sobre o

mundo' de seus membros a 'visão do mundo', o *mundo semioticamente construído*, o *sistema de valores*, o *sistema de crenças*. Desse modo, também, uma comunidade lingüística e sociocultural se caracteriza como um complexo conjunto de *saberes e valores compartilhados*, construídos, reiterados, modificados ao longo do processo histórico. Além disso, uma cultura não é um sistema fechado; ela se forma, se desenvolve, evolui, por vezes desaparece, em função de seus contactos, dos confrontos ou conflitos com outras culturas, e resulta, sempre, a cada momento, de uma *história compartilhada* (RASTIER e BOUQUET, 2002, p. 6).

De outro ângulo, parece lícito considerar uma cultura, também, como um *complexo sistema de arquitextos e arquidiscursos* das semióticas verbais, não verbais e sincréticas (ou complexas) da comunidade em questão (RASTIER, 2000; PAIS, 2002a e 2002b).

Nessa perspectiva, a semiótica das culturas torna-se mais eficaz, na medida em que busca fazer, em seus estudos, *comparações* entre culturas, numa abordagem intercultural ou multicultural, como, por exemplo, o estudo de microsistemas de valores, comparadas as culturas francesa e brasileira (PAIS, 1999), ou o mesmo estudo, comparadas as culturas cubana e brasileira (PAIS, 2000). Assim, a semiótica das culturas assume o caráter de uma *semiótica interpretativa* (RASTIER e BOUQUET, 2002, p. 4).

Enfim, cada cultura se caracteriza, ainda, por um *processo de cognição* específico, ou por *cognições* definidas como específicas, como se viu acima. Daí a concordância com Bouquet:

“Dans ce contexte, le paradigme d’une sémiotique de l’interprétation se révèle fédérateur des sciences de la culture qui peuvent être regardées comme les sciences d’une cognition située, au sens où cette cognition est située dans un cadre culturel (...) Comme le paradigme cognitiviste, le paradigme interprétatif doit être tenu pour un point de vue, créant un objet particulier (...) l’objet pluridisciplinaire en sciences humaines (...) l’établissement des possibles rapports réglés entre ces dernières et les sciences cognitives...”
(RASTIER e BOUQUET, 2002, p. 35).

Nesses termos, cabe propor a formalização:

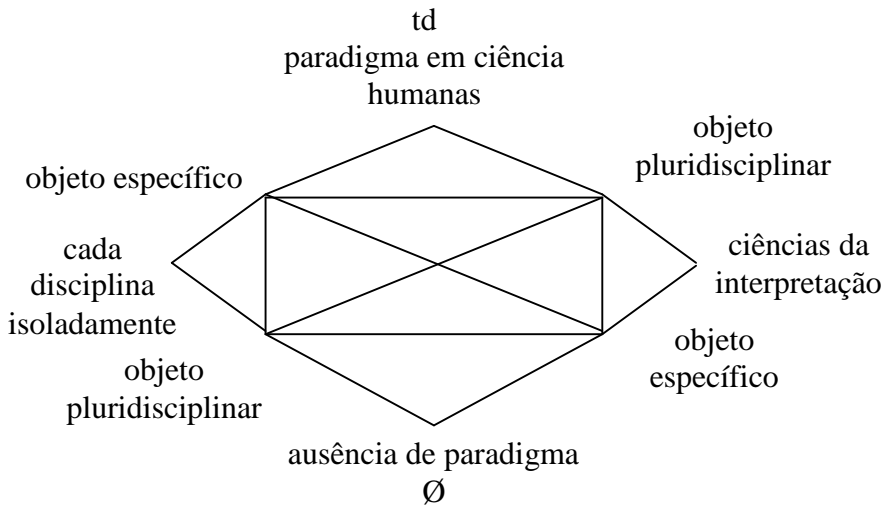


Figura 2: Da pluridisciplinaridade

3 DOS PROCESSOS DE INSERÇÃO CULTURAL

Os humanos nascem como seres biológicos, como seres naturais. Inseridos numa comunidade sociocultural, adquirem progressivamente as características de seres sociais, culturais e históricos. Passam assim, a identificar-se com saberes e valores compartilhados pelo grupo, por uma visão de mundo, por um imaginário coletivo. Esses valores e saberes habilitam ao convívio social e conferem aos membros do grupo a sua identidade cultural, a sua memória social, a consciência da sua pertinência ao grupo e de sua continuidade no tempo.

A inserção cultural não se verifica, entretanto, de maneira homogênea e uniforme nas diferentes comunidades e em seus sub-grupos. Ao contrário, verificam-se processos de inserção cultural diferenciados, que revelam, muitas vezes, preconceitos, injustiças e discriminação. Observam-se, então, incoerências quanto aos critérios adotados pelo grupo em questão. Critérios esses que variam segundo

as diferentes épocas da história, diferentes regiões, diferentes épocas das camadas sociais.

Por maior que seja a diversidade cultural dos grupos humanos, há certas características que se mostram constantes. De fato, em todos os grupos socioculturais a inserção dos membros no conjunto de valores de saberes compartilhados se realiza por meio da educação, formal ou informal. A educação constitui o caminho de acesso aos bens culturais. Define, também, o grau de integração dos indivíduos ao grupo.

No processo histórico, muitas comunidades humanas atingiram, em sua evolução, o estágio que se chama de *civilização*, caracterizado pelo equilíbrio dinâmico e pela tensão dialética *autoridade x liberdade*. Noutros termos, dir-se-á que homens livres livremente aceitam certa redução em seu grau de liberdade, para assegurar a todos o mesmo grau de liberdade (Pais, 1993, p. 605-611).

Ocorreu, também, muitas vezes, que, alcançado esse estágio, uma civilização se rompeu em *barbárie*, caracterizada pela combinação perversa *liberdade x força* (Pais, 1993, p. 605-611).

Constitui a *educação* o único processo pelo qual é possível preservar, restaurar ou restabelecer uma civilização, na medida em que pode realizar a reinserção das pessoas no processo histórico de uma cultura. Para tanto, é necessário que a comunidade humana em questão se organize e se sustente permanentemente, segundo os princípios básicos do humanismo, da racionalidade e da civilização: *liberdade, igualdade, fraternidade*.

4 DAS TRANSCODIFICAÇÕES TRANCULTURAIS

Muitas vezes, efetuam-se *transcodificações intrasemióticas*, como nos processos típicos de metalinguagem e, sobretudo, na conversão de um texto, de um universo de discurso para outro universo de discurso, como, por exemplo, na transformação de um texto técnico-científico em um texto pedagógico. Nesses casos, tem-se transcodificações que se dão dentro dos limites de um sistema

sociocultural e de uma ‘mesma’ língua natural. Dir-se-á, então, que se trata de transcódificações *intraculturais*.

Outras vezes, no entanto, os processos de transcódificação se realizam de uma língua natural, dita ‘de partida’ para outra língua natural, dita “de chegada’, que envolvem duas culturas distintas, com suas ‘visões do mundo’ específicas, caracterizadas por sistemas de valores e saberes, sistemas de crenças, imaginário coletivo diferentes e, mesmo, muito diferentes. Trata-se, pois, de *transcódificações intersemióticas e transculturais*.

Terminólogos, pesquisadores e especialistas frequentemente se deparam com a dificuldade de articular dialeticamente duas tendências contrárias, a busca de uma comunicação mais eficaz, em função dos interlocutores, e a necessidade de assegurar, simultaneamente, o respeito à diversidade cultural das diferentes comunidades envolvidas. Em abordagem multidisciplinar, importa estudar aspectos dos processos de cognição e de significação, enquanto fenômenos conceituais e metalingüísticos, procedimentos determinantes de intertextualidade, interdiscursividade, transcódificação, face às articulações entre semântica cognitiva, semântica de língua e de discurso, semiótica das culturas, esta enquanto ciência da interpretação. São as linguagens que atribuem à humanidade sua condição humana.

A riqueza do homem é a sua diversidade lingüística, cultural, social e histórica. Como se sabe, a língua e seus discursos, juntamente com as semióticas não-verbais e complexas, conferem a uma comunidade humana: a sua memória social; a sua consciência histórica; a consciência de sua identidade cultural e de sua permanência no tempo. O processo de produção do conhecimento, a *episteme*, como construção do ‘saber sobre o mundo’, e a semiiose, enquanto produção da significação, das designações que manifestam os designata, recortes culturais, nas diferentes semióticas-objeto, articulam-se no percurso gerativo da enunciação de codificação e de decodificação, fazer persuasivo e fazer interpretativo, com as transformações que entre eles se realizam. Aprender uma língua é aprender um modo de ‘pensar o mundo’; dá-se o mesmo com as metalinguagens técnico-científicas, seus recortes e axiologia.

Determinada cultura caracteriza-se por oposição às demais, contemporâneas, ou passadas. Define-se, por um complexo que compreende uma língua e práticas semióticas, práticas técnicas, um ‘saber compartilhado sobre o mundo’, próprio a seus membros, inseridos no fazer social e no eixo da história. Caracteriza-se uma cultura por suas especificidades, perante a diversidade das culturas humanas. É necessário considerar como características de uma cultura, definidoras de identidade e de diversidade, em relação às demais, como parte do ‘saber compartilhado sobre o mundo’ de seus membros, o mundo semioticamente construído, o sistema de valores, o sistema de crenças. Uma comunidade linguística e sociocultural compreende complexo conjunto de saberes e valores compartilhados, construídos, reiterados, modificados no processo histórico. Não é um sistema fechado; forma-se, desenvolve-se, evolui, em contacto com outras culturas. Resulta, sempre, de uma história compartilhada. Complexo sistema de *arquitectos* e *arquidiscursos*, sustenta-se num processo de cognição específico. Impõe-se examinar *cognições*, significações, recortes, axiologias, de uma cultura como também de uma área do saber, imprescindíveis nas transcodificações. Não basta *renomear*, é preciso *reconceptualizar*.

Semelhante situação propõe problemas e dificuldades. Sabe-se, com efeito, que as linguagens técnico-científicas são polissêmicas e estão longe de ser puramente denotativas. Algumas ciências, em sua fase atual, se notabilizaram pela abundância e riqueza das *metáforas*, por exemplo. Estas têm sido usadas, com freqüência, para designar/explicar certos fenômenos ou processos estudados pelas ciências físicas e naturais, pela ecologia, pela astronomia, como, por exemplo, *efeito-estufa*, *buraco negro* e assim por diante.

Parece evidente que tais metáforas, comparações, analogias só são compreensíveis se consideradas com os valores que lhes são atribuídos em determinada *cultura*, se inseridas no ‘saber sobre o mundo’ próprio de uma comunidade sociocultural. Embora existam forças, no processo dito de ‘globalização’ que buscam o apagamento das diferenças, verificam-se ao mesmo tempo, felizmente, resistências que sustentam a diversidade cultural, que asseguram a identidade cultural e a memória social das comunidades.

Assim, não basta ser fluente numa língua ‘de partida’ e numa ‘língua de chegada’. Um tradutor, honesto e bem intencionado, pode ser conduzido a muitos equívocos, se desconhece certos aspectos dos sistemas de valores e saberes compartilhados de cada uma das comunidades socioculturais envolvidas no processo de *transcodificação*.

Considerem-se alguns exemplos, a título de ilustração.

Em português, o termo *gato* não se refere apenas ao animal felino doméstico mas serve para designar uma conexão clandestina feita na rede elétrica pública, para captar energias sem pagar a conta. É prática criminosa, comum em favelas e bairros da periferia das grandes metrópoles.

Trata-se de uma metáfora, compreensível dentro da visão cultural brasileira, por certas características de comportamento que se atribuem popularmente aos felinos. É evidente que não se encontrará, em outra língua, de outra cultura, a mesma metáfora ou outra que lhe seja ‘equivalente’. As mais das vezes, o tradutor deverá abandonar a metáfora e contentar-se com uma designação/explicação denotativa.

De fato, a busca de termos ‘equivalentes’ revela-se, com frequência, insuficiente ou claramente insatisfatória.

Considere-se outro exemplo. *Executivo*, em português, designa um funcionário ou empregado de uma empresa, de certo nível, destinado a trabalhos de gestão/administração; além disso, o termo *executivo* aplica-se ao tolete reservado ao alto escalão dos funcionários dos escritórios de uma empresa; o termo designa, por outro lado, um tipo de transporte coletivo, caracterizado por itens de conforto, como poltronas reclináveis, luzes de leitura, ar condicionado, para os passageiros; enfim, *executivo* serve, ainda, para denominar uma refeição rápida (*fast food*) mas de bom nível, servido em lanchonetes próximas aos escritórios de empresas.

Tem-se, aqui, denominações de coisas muito diferentes mas que apresentam um traço semântico comum e constante, o <status>.

Esses poucos exemplos servem para ilustrar os problemas que se propõem nas *transcodificações transculturais*. De fato, a simples busca de termos ‘equivalentes’ aqui é inútil. Para a obtenção de transcodificações não só corretas e eficazes mas, também, suscetíveis de preservar o ‘espírito do texto’ e, até mesmo, sua ‘coloração’,

cumprir levar em conta os sistemas de valores e os saberes compartilhados subjacentes ao texto dito ‘de partida’, da cultura de origem, e os sistemas de valores e saberes compartilhados pela comunidade da cultura ‘de chegada’, de maneira a obter ou *correspondências* ou *substituições* mais satisfatórias. Exigir-se-á do eventual tradutor um bom conhecimento (vivência) das duas culturas envolvidas, um *saber* e um *saber-fazer cultural* nas duas culturas em questão.

Verifica-se, pois, que a *semiótica das culturas*, enquanto uma *ciência da interpretação*, permite levantar questões importantes, sempre que seja necessário comparar culturas distintas. Ela pode oferecer subsídios relevantes, para as *transcodificações transculturais*. Ela favorece, além da qualidade das *transcodificações*, o *respeito à diversidade cultural*.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Seria ilusório ou arriscado, no entanto, tentar fundamentar uma semiótica das culturas na superfície discursiva dos textos manifestados que nela se produzem. Uma metodologia mais precisa e rigorosa leva a examinar e a *comparar*, a partir dos textos manifestados, a estrutura semântica profunda, nível em que se sustentam a axiologia, os sistemas de valores, e a estrutura hiper-profunda, em que se situa a produção cognitiva, a conceptualização, nos discursos de (ao menos) duas culturas distintas.

A *compatibilidade dos recortes culturais* e a *coerência dos ‘modelos mentais’*, no nível conceptual, caracterizam uma cultura, na medida em que subjazem aos discursos das semióticas verbais, não-verbais e sincréticas (ou complexas), produzidos no seu interior (PAIS, 1993, p. 333-340). Nesse sentido, parecem ser as *‘isotopias’ conceptuais* instrumentos e *critérios* valiosos, para a constituição de uma semiótica das culturas (Pais, 2005).

A *semiótica das culturas* só é possível como uma *semiótica interpretativa* dos sistemas de valores, em estrutura profunda, e dos ‘modelos mentais’, em estrutura hiper-profunda, subjacentes aos discursos de uma cultura, e sua comparação com os de outras

culturas. Para dar conta dessa diversidade cultural e de objetos pluridisciplinares, uma semiótica da interpretação mostra-se mais adequada.

Dessa maneira, a *semiótica das culturas*, enquanto uma *ciência da interpretação*, permite levantar questões importantes, sempre que seja desejável comparar culturas distintas. Ela pode oferecer subsídios relevantes, para as *transcodificações transculturais*. Ela favorece, além da qualidade das *transcodificações*, o *respeito à diversidade cultural*.

REFERÊNCIAS

PAIS, Cidmar Teodoro (1982). Elementos para uma tipologia dos sistemas semióticos. In: *Revista Brasileira de Linguística*. São Paulo, v. 6, n.º 1 p.45-60.

_____.(1993). *Conditions sémantico-syntaxiques et sémiotiques de la productivité systémique, lexicale et discursive*. Thèse de Doctorat d'État es-Lettres e Sciences Humains. Paris/Lille: Université de Paris Sorbonne/A.N.R.T.

_____.(1997). Conceptualização, denominação, designação: relações. *Revista Brasileira de Linguística*, São Paulo, v. 9, p. 221-240.

_____.(1998). Conceptualisation, dénomination, désignation, référence: réflexions à propos de l'énonciation et du savoir sur le monde. Poulet, J. *et al.* (Orgs). *Textures. Cahiers du C.E.M.I.A. Recueil d'Hommage à Mme. Le Professeur Simone Saillard*. Lyon: Université de Lyon 2, p. 371-384.

_____.(1999). Étude comparée de microsystemes de valeurs des cultures française et brésilienne: essai en sémiotique des cultures. *INFO-CREA - Revue du Centre de Recherches et d'Études Anthropologiques*. Lyon: Université Lumière Lyon 2, v. 6, p. 13-21.

_____.(2000). Aspectos de las visiones del mundo y de los sistemas de valores en culturas de la América Latina y del Caribe. *Acta semiotica et linguistica*. São Paulo, v. 8, n. 1, p. 395-421.

_____.(2002)..Conceptualização, interdiscursividade, arquiteyto, arquidiscorso. *Revista Philologus* Rio de Janeiro: CEFIL/UERJ/ABF, v. 8, p. 101-111.

_____.(2002)..Considérations à propos de la conceptualisation, des relations interdiscursives, l'archi-texte, l'archi-discours. *Acta Semiotica et Linguistica*. São Paulo, v. 9, p. 227-238.

_____.(2005). Les discours ethno-littéraires et les systèmes de valeur de la culture brésilienne. In: Poulet, M. E. M. (Org.) *Textures. Cahiers du C.E.M.I.A, 16. Actes du Colloque International Esta terra brasileira / Cette terre brésilienne*. Lyon, Université Lumière Lyon 2, p. 171-178.

RASTIER, François (1991). *Sémantique et recherches cognitives*. Paris: PUF.

_____.(2000) Para uma poética generalizada. *Acta semiotica et linguistica*, São Paulo, v. 8, p. 445-470.

RASTIER, François et BOUQUET, Simon (Orgs.) (2002) *et al. Une introduction aux sciences de la culture*. Paris: P.U.F.